

NÚMERO 51



IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Uma entrevista de Willem Doise com Xenia Chrysochoou (Março de 2009) e com Joaquim Pires Valentim (Setembro de 2009)

Joaquim Pires Valentim¹

A parte principal desta entrevista foi publicada em Maio de 2009 no *European Bulletin of Social Psychology*². Agradeço a Xenia Chrysochoou a sua imediata disponibilidade para a publicarmos agora aqui em português³, seguida do desenvolvimento de alguns pontos que foram retomados num prolongamento posterior dessa conversa que tive, em Coimbra, com Willem Doise.

Entrevista de Willem Doise com Xenia Chrysochoou

XC – Uma ideia que me interessou ao ler o seu livro foi a de que existe uma relação entre investigação e contexto social e histórico. Uma coisa que nós, psicólogos sociais, por vezes fazemos é pretender que a ideologia pare às portas dos nossos laboratórios, acreditar que podemos fazer investigação que não é ideologicamente marcada. No seu livro, escreve que uma teoria científica é necessariamente universal mas a sua condição de produção é situada no tempo e espaço. Esta é uma coisa muito difícil de se fazer. Como poderemos fazer isso, i.e., apresentar teorias universais tendo em consideração que são situadas no tempo e espaço?

WD – Bem, eu penso que não existe qualquer problema em dizer isso sobre as chamadas leis físicas. Todo este conhecimento universal tem sido descoberto em situações concretas. Não existe uma ciência universal que não esteja inserida numa situação em que, num certo local, as pessoas foram confrontadas com um argumento, um estado das coisas e foram mais além. Para as ciências sociais isto é um pouco mais complicado e existem casos extremos.

¹ Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra (e-mail: jpvalentim@fpce.uc.pt).

² Conversation with Willem Doise (Treasurer 1975-1978 and President 1978-1981) by Xenia Chrysochoou. *European Bulletin of Social Psychology*, 2009, 21(1), 8-28.

³ Tradução de Ana Mateus Figueiredo.

Por exemplo, eu menciono este *European Bulletin* quando Dominic Abrams era editor, onde existe um artigo muito elucidativo escrito por Andreeva, "Successes and Failures of Russian Social Psychology". Ela mostra que para se libertar das restrições ideológicas na União Soviética, a psicologia social teve que se tornar parte da psicologia, porque a psicologia era considerada livre de impacte ideológico. Desta forma, a psicologia social, para se livrar de ideologias teve que se tornar psicologia. Depois, ela descreve algumas coisas que foram difíceis para a psicologia social soviética. Refere Vygotsky, entre outros. Ela fez uma lista de temas que foram desenvolvidos na chamada psicologia social soviética e acaba o artigo com uma sugestão muito interessante: poderíamos conduzir uma experiência em que se convidavam alguns colegas ocidentais para nomear 10 psicólogos sociais russos na área das atitudes, percepção, socialização, etno-psicologia e perguntar-lhes o que é que eles sabem sobre eles e perguntar a colegas da Rússia para nomear psicólogos sociais ocidentais ou americanos e o que é que eles sabem sobre estes. No Ocidente nós não sabemos muito sobre os nossos colegas russos, enquanto eles sabem muito mais sobre nós. O que significa isto? Será que isso significa que o que nós alcançamos cientificamente é universal e o que eles alcançaram não é? Isto é o que os alemães chamariam "Gedanken Experiment".

Em psicologia social é difícil dizer o que é realmente universal. Para termos uma boa teoria em psicologia social há sempre necessidade de fazer muitas assunções implícitas, como é o caso da teoria da dissonância cognitiva (possivelmente uma das teorias mais bem sucedidas em psicologia social), em que se assume a necessidade de uma forma de consonância. Mas já existia, há muito tempo, um psicólogo social polaco nos anos 60, eu penso que o seu nome era Malewski, que perguntava: se existe uma necessidade de coerência cognitiva, será que esta necessidade existe em pessoas deprimidas? Talvez essas pessoas não precisem de coerência cognitiva; elas pensam que não são capazes. Depois existe ainda o trabalho de pessoas como Beauvois, Joule e outros que mostra que quando nos sentimos livres para fazer algo, a dissonância funciona e aumenta as acções que são coerentes com acções prévias. Isso significa que até no estudo de um dos processos mais elementares temos que construir um conjunto de assunções que raramente se tornam explícitas. Por exemplo, e tanto quanto sei, muito poucas pessoas se interrogaram sobre as relações entre dissonância cognitiva e idade. Muita desta investigação foi feita com adultos.

Portanto, toda a ideia do que é universal e não é, para mim, é uma questão de estudar um contexto específico sem saber se este é necessário. Mas tomamo-lo como garantido. Usamos muito conhecimento implícito e específico. Donald Campbell, na Escola de Verão de Oxford de 1976, deu um seminário sobre a necessidade de ter sabedoria específica local de forma a formular as nossas hipóteses.